

Angústias Impensáveis: mudanças na psicanálise tradicional*

Eder Soares Santos

Doutorando em Filosofia – IFCH/UNICAMP

Bolsista FAPESP

Esta comunicação se divide em três partes. Na primeira parte, apresento o que se entende por angústias impensáveis na psicanálise de Winnicott. Na segunda, tento mostrar qual a relação que poderia haver entre angústia de castração e as angústias impensáveis. Na parte final, considero uma possível articulação entre a angústia na fenomenologia existencial de Heidegger e na psicanálise.

As angústias são definidas como impensáveis porque, por um lado, “não são definíveis em termos de relações pulsionais de objeto, baseadas em relação de representacionais de objeto (percepção, fantasia, simbolização)”¹ e, por outro lado, “porque estamos nos referindo a um momento pré-verbal, pré-psíquico e pré-representacional, anterior ao início de qualquer capacidade relacionada a mecanismos mentais e muito anterior ao reconhecimento de impulsos instintuais como fazendo parte do si-mesmo e tendo um significado”².

As angústias impensáveis, portanto, são traumas localizados nos estágios iniciais do processo de amadurecimento humano, entendendo-se trauma, neste início, como quebra da continuidade na existência de um indivíduo³. Depois de uma experiência traumática, defesas são organizadas a fim de evitar que as angústias impensáveis voltem a ser experienciadas. “Quando o padrão do ambiente é traumático”, esclarece Elsa. O. Dias, “ocorre uma interrupção do processo de amadurecimento. As angústias impensáveis quebram a incipiente integração, isto é, a incipiente experiência de um si-mesmo, de qualquer grau ou tipo, mas anterior à constituição de um eu, que existe por ocasião do fracasso ambiental”⁴.

O trauma é constituído por uma reação automática do bebê à intrusão ambiental. Essa intrusão é traumática porque obriga o bebê a reagir ao invés de continuar-a-ser (Dias, E. O., 1998) e esse continuar-a-ser é ameaçado pelas angústias impensáveis. Elas “remetem ao perigo extremo de o indivíduo cair fora da existência, de que a existência enquanto tal não se dê ou se perca.”⁵

* Considero psicanálise tradicional toda aquela teoria psicanalítica que tem por *exemplar*, ou seja, como paradigma que sustenta sua fundamentação teórica, o complexo de Édipo.

¹ Loparic, Z. “Winnicott: uma psicanálise não-edipiana”. In: *Rev. Percurso*, nº. 17, 1996.

² Dias, E. O. *A Teoria das Psicoses em D. W. Winnicott*. Tese de Doutorado, PUC/São Paulo, 1998, p. 258.

³ Essas angústias também estão relacionadas ao colapso da confiabilidade.

⁴ Dias, E. O. *A Teoria das Psicoses em D. W. Winnicott*. Tese de Doutorado, PUC/São Paulo, 1998, p. 255.

⁵ Id. *Ibid.*

Deve-se observar que essas intrusões ambientais, que podem levar o bebê a um reagir excessivo, “não produzem frustração, mas uma ameaça de aniquilação”.⁶ Não produzem frustração, pois esse é um sentimento bastante sofisticado que supõe a existência de alguém que já é capaz de desejar e frustrar-se em seu desejo. E nesse estágio inicial ao qual se refere à angústia impensável, o si-mesmo, o eu da pessoa ainda está em formação.

Observações sobre a angústia de castração e as angústias impensáveis

Assim, quando há falhas o bebê reage. E reage não à frustração, que já implica certo amadurecimento, mas sim, a uma ameaça de aniquilamento. Em reagindo, o seu processo de desenvolvimento já não se apresenta mais de maneira normal e, por isso, ele precisará criar defesas para poder sobreviver, tais como a angústia. Angústia de que tipo, de castração? Com certeza, não! A angústia que surge é do tipo de uma agonia impensável.

As angústias impensáveis não estão referidas a conteúdos de uma existência já fundada (como no caso da angústia de castração), elas ameaçam a própria existência do indivíduo, remetem ao perigo extremo de o indivíduo cair fora da existência, de que a existência enquanto tal não se dê ou se perca.⁷

No início, o bebê está preocupado com o seu continuar-a-ser que só pode se manter graças à presença da mãe. Se ela lhe falta por períodos muito grandes, ultrapassando um limite que lhe é suportável, então, seguem-se as angústias impensáveis, caracterizadas pelo medo de um retorno a um estado de não-integração, o medo de cair para sempre, o medo da desintegração, da perda de conexão com o corpo, da perda de orientação e da perda da capacidade de relacionar-se com objetos.

O bebê vai procurar sobreviver às suas angústias, ou seja, à ameaça de aniquilamento. Para tanto, ele pode criar um falso self que consiga suprir as falhas advindas, seja por parte da mãe, ou do ambiente. Todavia, se essas angústias persistem, o que se tem é um bebê doente, psicótico, desde o seu início.

O aniquilamento significa que não há mais esperança. O bebê não constrói a capacidade de acreditar em..., de confiar. O que os traumas de que estamos falando atingem não é nada de mental ou psicológico, nem ainda uma instância do aparelho psíquico. Eles afetam a pessoa do bebê no seu âmago.⁸

Essa abordagem de Winnicott leva-nos a reconhecer que existe uma angústia muito mais primordial, arcaica, instalada no ser humano, das quais as outras angústias parecem derivar. Porém, alguém poderia nos objetar, argumentando que crianças que tiveram um desenvolvimento maturativo suficientemente bom não sofreriam de tais angústias. A objeção nos parece justa. Todavia, nada impede que um bebê, que teve um desenvolvimento normal, depare-se com angústias impensáveis quando sua mãe permanece ausente por um período de tempo maior do que aquele que pode ser suportado

⁶ ibid., p. 256.

⁷ Ibid. p. 255.

⁸ ibid., 256.

por ele. As angústias impensáveis significam um problema quando se tornam um padrão, ou seja, quando se tornam recorrentes.

Assim como Freud, também Winnicott construiu suas teorias a partir de verificações empíricas dos casos clínicos com os quais trabalhou ao longo de sua vida. Esses casos permitiram-lhe ver o que realmente deveria se passar com o ser humano, para que ele tivesse um amadurecimento bem sucedido. Logo, é por falarmos de ser humano, que essas falhas no seu amadurecimento podem sempre aparecer. É por isso que também nos parece ser possível pensar que todo ser humano é um ser de angústia.

Como é sabido, a angústia de castração tinha a sua origem na ameaça de castração que, mais tarde, por causa do conflito de ambivalência, tomaria forma de complexo de castração na situação edípica, isto é, na fase fálica.

Porém, o que dizer, então, da angústia de castração de Freud na abordagem da psicanálise winnicottiana? A angústia de castração não deixa de ser importante para a psicanálise. Ela deixa, juntamente com o complexo de Édipo, de aparecer, em primeiro plano, no cenário das afecções psíquicas.

Entretanto, alguém mais atento poderia ainda perguntar-nos: que relação, então, existe entre as angústias impensáveis e a angústia de castração? Nenhuma relação e, ao mesmo tempo, uma completa relação. Essa resposta parece levar-nos a mais um paradoxo que acreditamos poder, pelo menos, elucidar.

Por um lado, não há nenhuma relação, pois ambas surgem na vida do ser humano em momentos distintos. Como vimos, as angústias impensáveis, em geral, surgem no início do existir, quando o lactente ainda está tentando se integrar, a fim de tornar-se uma unidade momento em que não há satisfações pulsionais de objeto, mas apenas dependência absoluta e cuidado materno. Assim, quando alguma falha nesse período acontece, surgem as angústias impensáveis e quando as falhas se tornam um padrão surge algum distúrbio emocional grave. Segundo Winnicott, a angústia de castração, por sua vez, surge quando tudo corre bem num estágio bastante posterior no processo de amadurecimento. Nesse estágio, a criança já é uma unidade; está de posse de um si-mesmo (self) verdadeiro; já compreende o mundo a partir do que é "eu" e do que é "não eu"; consegue lidar com seus impulsos de amor e de ódio e é uma pessoa total, capaz de relacionar-se com pessoas igualmente totais. Portanto, do ponto de vista dos acontecimentos psíquicos, tanto as angústias impensáveis como a angústia de castração, ocupam lugares diferentes no processo amadurecimento. Por outro lado, do ponto de vista semântico, a angústia de castração é uma derivação das angústias impensáveis. Isso quer dizer que, com relação à mudança no tempo e no espaço, é possível estabelecer uma certa relação entre elas. Para isso, é preciso pressupor que a angústia surge a partir de um nada e se desenvolve em outras formas de angústia que mascaram⁹ essa angústia inicial e essencial com a qual se defronta o existir humano. Dito de outra forma, a angústia surge como uma forma de reação à volta a um estado de não-integração, isto é, os modos sob os quais ela se apresenta

⁹ Queremos dizer com mascaramento que um fenômeno se nos apresentou primeiro, deixando um outro por trás de si, velado, oculto.

é uma forma de reação à ameaça de aniquilamento trazida à tona pelos traumas invasivos e por falta de cuidados suficientemente bons nos momentos adequados.

Se essas angústias do início do existir humano não se tornam recorrentes, elas poderão ser esquecidas ou ocultadas. Essa possibilidade será provida pelo cuidado materno suficientemente bom, que garantirá que o ser humano que está surgindo possa amadurecer o suficiente para, no futuro, deparar-se novamente com suas angústias. Essas angústias, agora, não têm mais o mesmo caráter de aniquilamento da possibilidade de continuar-a-ser como outrora, mas remetem ao conflito (psíquico) de já ser, já existir como uma pessoa total.

A angústia, parece-nos, de uma fase a outra do amadurecimento humano, mudar de sentido; porém, ela permanece como um momento primordial que foi ocultado ou esquecido do começar a existir humano.

Considerações sobre a angústia na fenomenologia existencial de Heidegger e na psicanálise

Quanto ao seu significado, acreditamos que a angústia de castração de Freud representa, onticamente, o sentido que o termo temor possui quando analisado existencialmente. Freud, ele mesmo, várias vezes usa um termo pelo outro¹⁰, isto é, por vezes usa a palavra alemã *Furcht* em lugar de *Angst* e vice-versa. Heidegger reconhece nessas duas palavras um certo parentesco fenomenal e, acerca disso, comenta:

*"O indício de parentesco é o fato de ambos os fenômenos permanecerem, na maior parte das vezes, inseparáveis um do outro e isso a tal ponto que se chama de angústia o que é temor e se fala de temor quando o fenômeno possui o caráter de angústia."**¹¹

A angústia de castração, assim como o temor, é constituída pelo caráter da ameaça do que vem ao encontro do ente intramundano. Em Freud é a ameaça de castração que é o temível, isto é, aquilo pelo que se teme, e não a castração propriamente dita. Já em Heidegger o que se teme é a ameaça ao ente intramundano que pode possuir o modo de ser do manual, do ser simplesmente dado ou ainda de uma co-presença. Heidegger afirma que "o próprio ente que teme, o estar-aí, é aquilo *pelo que* o temor teme. Apenas o ente em que, sendo, está em jogo seu próprio ser, pode temer"¹². Nesse sentido, a angústia de castração pode ser entendida como um fenômeno ôntico-existenciário que denuncia o modo de ser impróprio do ser-no-mundo expresso pelo temor no estar-aí.

¹⁰Cf. Hanns, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Imago, Rio de Janeiro, 1996. Consultar verbete *angústia*, pp.: 62-79.

* Faremos uso da tradução brasileira de *Ser e Tempo* (Ed. Vozes, Petrópolis, 2000), cotejada com o original em alemão, *Sein und Zeit* (Gesamtausgabe, vol. 2, Vittorio Klostermann, Frankfurt, 1977). Por isso, seguir-se-á a numeração de ambas as edições. Assim, a numeração que aparece após o ponto e vírgula refere-se ao texto em alemão.

¹¹Heidegger, M. *Ser e Tempo*. Parte I, § 40, Vozes, Petrópolis - RJ, 2000, p. 249; p. 246.

¹² *ibid.*, § 30, p. 196; p. 188.

As angústias impensáveis e a angústia tal como entendida por Heidegger também parecem possuir afinidades. Em ambas, o que caracteriza a angústia é o fato de aquilo que é ameaçador não se encontrar em lugar algum e essa ameaça vir de todas as direções e de direção nenhuma. Em ambas está em jogo o sentido do ser.

No entanto, deve-se observar que o conceito de angústia em Heidegger não é a tradução do conceito de angústia em Winnicott, mas sim podemos observar que há uma correlação de sentido entre eles. A diferenciação está em que, para Heidegger, a angústia é uma disposição privilegiada que abre para o ser do estar-aí a sua possibilidade de ser mais própria, isto é, abre o seu poder-ser-no-mundo próprio finito como a sua possibilidade mais originária e fundamental. (A angústia é aí analisada sob a perspectiva da ontologia fundamental).

No caso de Winnicott, a angústia está associada a uma falha no cuidado materno que abre para o ser que está surgindo a possibilidade de seu aniquilamento, não querendo isso dizer que esse ser se perde e se desvia nos modos impróprios de ser, no esquecimento do ser dos diferentes modos de ocupação, mas sim aniquilamento aqui quer dizer que o bebê pode nunca chegar a ser, ou seja, que o seu sentido de ser foi perdido, que a sua continuidade-de-ser foi quebrada. (Assim, diríamos que essa análise é ôntico-existencial).

Embora a análise do conceito de angústia se dê em níveis diferentes de interpretação, isto é, há uma interpretação ontológica e uma ôntica, trata-se, em última instância, da análise de um mesmo fenômeno: a angústia. Por um lado, a interpretação ontológica nos revela a angústia como possibilitadora da compreensão do sentido do ser, ou seja, ela abre para o ente o modo mais originário de existir durante sua existência. Por outro lado, a interpretação ôntica nos remete ao fenômeno da angústia que pode acometer o ser de cada um, isto é, coloca o ser frente à dificuldade de começar a existir. Ela remete à angústia fatural, está relacionada aos vários modos de ser da existência humana como a angústia de castração, angústia pela perda de alguém ou alguma coisa, angústia diante do envelhecimento, entre outras. Nota-se, portanto, que em ambos os tipos de análise o fenômeno que está presente é sempre o da angústia. Todavia, a compreensão da análise ontológica da angústia é essencial para o entendimento desse mesmo fenômeno na interpretação ôntica.

Heidegger nos autoriza a pensar dessa forma quando diz que a angústia já está previamente colocada em toda discussão sobre o ser. Portanto, até para um bebê é a angústia originária que abre a possibilidade para o seu sentido de ser, isto é, o seu continuar-a-ser.

"Com freqüência, a angústia é condicionada 'fisiologicamente'. Em sua facticidade, esse fato é um problema ontológico e não apenas no que respeita a sua causalidade e processamento ônticos. O disparo psicológico da angústia só é possível porque o estar-aí, no fundo do seu ser, se angustia."¹³

¹³ibid., p. 254; p. 252.

Chegamos, enfim, aonde queríamos, pois estamos agora em condições de explicar porque a angústia de castração, em sua relação com a angústia impensável, é uma derivação e forma de esquecimento desta última.

Ao relacionarmos a angústia de castração com o temor, tal como entendido por Heidegger, percebemos que ela é um modo impróprio e deficiente do ser do ente se apresentar como ser-no-mundo, isto é, o estar-aí como ser-no-mundo apresenta-se “doente” em seu modo de ser-com os outros, no modo de ser da co-presença, e, por causa da ameaça ao seu estar-aí, ele foge de si mesmo, perdendo-se e esquecendo-se nos vários modos de ser da ocupação. Do ponto de vista da fenomenologia existencial, a angústia de castração é a representação fatural de uma afecção psíquica do ser humano que, revelada pela análise fenomenológica, mostra sua relação com a questão do temor que, por sua vez, está ligada à questão do sentido do ser aberta pela análise da angústia originária.

"Como a angústia já sempre determina, de forma latente, o ser-no-mundo, este, enquanto ser que vem ao encontro na ocupação junto ao 'mundo', pode sentir temor. Temor é angústia imprópria, entregue à decadência do 'mundo' e, como tal, angústia nela mesma velada."¹⁴

A análise heideggeriana da angústia originária permitiu-nos observar que a questão do sentido do ser encontra-se já presente desde o início do acontecer humano, isto é, desde quando já se é um bebê. Observamos que a angústia mais primordial a que um bebê pode estar sujeito é aquela que Winnicott chamou de angústia impensável. Esta angústia se nos revelou como um conceito de importância capital, pois é a que melhor descreve, no nível ôntico, na faturalidade da existência humana, o que Heidegger explicita ontologicamente. Pois, assim como a angústia originária, a angústia impensável abre para o ser que está surgindo a questão do seu sentido de ser, ou seja, o continuar-a-ser em direção a uma unidade integral, ou o fragmentar-se, ou pior, aniquilar-se, permanecendo sempre como um não-ser.

Isto nos permite observar que a angústia de castração só pode existir diante do pressuposto de que anteriormente já se colocou para o homem a questão do sentido de ser, que, em sua origem, está relacionada com uma angústia mais primordial: no nível ôntico, com a angústia impensável. Esta, por sua vez, remete-nos à angústia originária e fundamental do estar-aí que lhe abre como ser-no-mundo a sua possibilidade da impossibilidade de não mais estar-aí, ou seja, a morte, o não-ser.

Referências Bibliográficas

- Dias, E. O. *A Teoria das Psicoses em D. W. Winnicott*. Tese de Doutorado, PUC/São Paulo, 1998.
- Freud, S. (1918) *Aus der Geschichte einer infantilen Neurose*. In: **Gesammelte Werke**, Band XII, Frankfurt, S. Fischer, 1987.
- _____. (1924-25) *Hemmung, Symptom und Angst*. In: **Gesammelte Werke**, Band XIV, Frankfurt, S. Fischer, 1987.

¹⁴ibid., p. 254; p. 252.

- Loparic, Z. "Winnicott: uma psicanálise não-edipiana". In: *Rev. Percurso*, nº. 17, 1996.
- Hanns, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Heidegger, M. *Sein und Zeit*. Gesamtausgabe, vol. 2. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1977.
- _____. *Ser e Tempo*. Parte I. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.
- Winnicott, D. W. **Human Nature**, Brunner/Manzel, New York, 1988.
- _____. **Talking to parents**. Addison-Wesley Publishing Company, USA, 1993.
- _____. (1949) *Recordações do nascimento, trauma do nascimento e angústia*. In: **Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise**, Livraria Francisco Alves Editora S.A., Rio de Janeiro 1988.
- _____. (1952) *Angústia associada á insegurança*. In: **Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise**, Livraria Francisco Alves Editora S.A., Rio de Janeiro 1988.
- _____. (1958) *Psycho-analysis and the Sense of Guilt*. In: **the Maturation Process and thr Facilitating Environment: studies in the theory of emotional development**. International Universities Press, Madison, 1996
- _____. (1958) *The Capacity to be Alone*. In: **the Maturation Process and thr Facilitating Environment: studies in the theory of emotional development**. International Universities Press, Madison, 1996
- _____. (1959) *The fate of the transicional object*. **Psychoanalytic Explorations**. Harvard University Press, Cambridge/Massachusetts, 1989.
- _____. (1961) *Further Remarks on the Theory of the Parent-Infant Relationship*. In: **Psycho-analitic Explorations**. Harvard University Press, USA, 1989.
- _____. (1960) *The Theory of the Parent-Infant Relationship*. In: **the Maturation Process and thr Facilitating Environment: studies in the theory of emotional development**. International Universities Press, Madison, 1996
- _____. (1962) *Ego Integration in Child Development*. In: **the Maturation Process and thr Facilitating Environment: studies in the theory of emotional development**. International Universities Press, Madison, 1996.
- _____. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. Martins Fontes, São Paulo, 1993.
- _____. (1963) *The Development of the Capacity for Concern*. **Deprivation and Delinquency**, Routledge, Londres, 1994.
- _____. *Notas sobre normalidade e angústia*. In: **Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise**, Livraria Francisco Alves Editora S.A., Rio de Janeiro 1988.
- _____. (1963) *Fear of Breakdown*. In: **Psycho-analitic Explorations**. Harvard University Press, USA, 1989.